NEL MEZZO DEL CAMMIN

ACTAS DA JORNADA DE ESTUDOS ITALIANOS

EM HONRA DE GIUSEPPE MEA

(Porto, 24-25 de Novembro de 2008)

Organização de Francisco Topa e Rita Marnoto

sombra pela cintura

© Autores e sombra pela cintura, Porto, 2009
Paginação e impressão: Tipografia Nunes — Maia; Junho de 2009
Depósito legal: 295238/09
ISBN: 978-989-96206-1-2

ÍNDICE

9 *Nel mezzo del cammin*

11 Agostinho Araújo — *O restauro de painéis e a actividade de alguns pintores italianos em Portugal (ca. 1710-1860)*

65 Albano Martins — *A Itália aqui tão perto*

69 Alberto Sismondini — *'Arriva Tazio': lingua e cultura di massa del 'ventennio'. Spunti didattici*

81 Aniello Angelo Avella — *A imperatriz e a bailarina. Vida, ficção e morte numa história ítalo-luso-brasileira*

89 Brunello De Cusatis — *Imperativo moral e cristianismo popular na parábola existencial e literária de Ignazio Silone*

97 Catia Benedetti — *As navegações portuguesas de Enrico Alberto d'Albertis. O "Corsaro" na Madeira e nos Açores (1884-1888)*

115 Celina Silva — *Lima de Freitas: do 'Ver' ao 515 (Referências pontuais acerca de questões abissais)*

127 Cidália Dinis — *O (anti)clericalismo boccacciano em Tomé Tavares*

137 Clelia Bettini — *Il Portogallo a Livorno. I "Canti Popolari Portoghesi" di Ettore Toci*

149 Cristina A. M. de Marinho — *As lágrimas do riso em António José da Silva: comunicação em "Variações de Proteu"*

175 Danyel Guerra — *Neo-realismo: um cinema tornado ternura*

197 Elio Pecora — *Poeti italiani del '900: fra trascuratezza e dimenticanza*

221 Elisa Gomes da Torre — *Um elogio a Dante. Silvestre Ribeiro e a divulgação da "Divina Comédia" em Portugal*

239 Elsa Pereira — *Tra l'Italia e il Portogallo: a "Nova Alvorada" e a afirmação da lusofilia*

261 Francisco Topa — *Ecos italianos na poesia do Abade de Jazente*

271 Geraldo J. A. Coelho Dias — *O humanista português Aquiles Estaço e seu contributo para a Biblioteca Vallicelliana de S. Filipe de Neri em Roma*

277 Giulia Lanciani — *A lexicografia bilingue: problemas e métodos*

285 Giuseppe Tavani — *Elogio do dicionário bilingue*

293 Jorge Martins Ribeiro — *Viajantes italianos em Portugal nos séculos XVIII e XIX*

315 José Manuel Martins — *A literalidade da música como "sentido do sentido"*

357 Maciel Morais Santos — *A diplomacia portuguesa e as colónias italianas em 1947-1948*

371 Manuel Augusto Rodrigues — *Recepção na Universidade de Coimbra de obras de exegetas e hebraístas italianos*

403 Maria Bochicchio — *Tendências da actual poesia italiana*

433 Mariagrazia Russo — *Da ortoépia aos paramentos sacerdotais na "Grammatica italiana" (1734 e 1756) de Luís Caetano de Lima*

453 Maria João Reynaud — *Com leve coração, com leves mãos: a poesia de Cristina Campo*

459 Maria Luisa Cusati — *L'"Istituto Universitario Orientale" negli anni '60*

465 Maria Luísa Malato Borralho — *Ítalo Calvino e o século XVIII: as aventuras de um Barão Trepador*

491 Mário Cláudio — *Selecção de textos*

501 Mário Vilela — *A "Divina Comedia" em traduções para português*

519 Marta Afonso — *Carlo Emilio Gadda em português? Aspectos da (não) recepção da sua obra em Portugal e no Brasil*

531 Monica Lupetti — *Cultura, grammatica e lessicografia nel Portogallo del Settecento: glottodidattica e plurilinguismo in Luis Caetano de Lima*

553 Patrícia de Almeida Silva — *Depoimento*

559 Rita Ciotta Neves — *Oltre il realismo: Contrasti e modernità in "Il Mare non Bagna Napoli" di Anna Maria Ortese*

571 Rita Marnoto — *Italiano para portugueses: perspectivas didácticas*

589 Simonetta Neto — *Algumas reflexões sobre a tradução literária de italiano para português*

599 Susana Restier Poças — *Redescobrir Amedeo Modigliani (1884-1920) na interface artística entre Portugal e Itália*

627 Vasco Graça Moura — *Sete poemas de Miguel Ângelo*

635 Cristina A. M. de Marinho — Recensão crítica a *Cartas Italianas*, de Luís António Verney

Nel mezzo del cammin

O presente volume reúne a quase totalidade das comunicações apresentadas no encontro *Nel mezzo del cammin — Jornada de Estudos Italianos em Honra de Giuseppe Mea*, que decorreu a 24 e 25 de Novembro do ano passado, na Faculdade de Letras do Porto, por iniciativa conjunta desta Faculdade e do Instituto de Estudos Italianos da Universidade de Coimbra.

A comunidade científica fica agora mais rica com a versão revista e ampliada dos trabalhos há seis meses dados a conhecer em versão oral, mas alguma coisa de muito importante se perde nesta passagem da Jornada para as Actas: o clima de festivo afecto que rodeou o encontro. Festivo afecto pelo Prof. Giuseppe Mea, obviamente, cuja aposentação como Leitor de língua e literatura italianas da Faculdade de Letras do Porto se assinalava. Mas festivo afecto também pela língua, pela literatura e pela cultura italianas, encaradas isoladamente ou nas suas relações com Portugal. Só este afecto, conjugado com um sentimento de gratidão e um sentido de justiça, permitiu a reunião de tanta e tão qualificada gente, vinda de várias partes de Itália e de lugares diversos de Portugal, do mundo académico e do mundo das letras; mestres, colegas, alunos de Giuseppe Mea. Amigos, no fundo, que quiseram mostrar que continua a fazer sentido a aposta no diálogo cultural entre Itália e Portugal.

Os 38 textos agora reunidos cobrem uma ampla gama de áreas do saber, da linguística à história da arte, da literatura à filosofia, da história à tradução. Como seria de esperar, destacam-se as temáticas mais directamente

relacionadas com a obra do homenageado, a começar pela lexicografia, contemplada nas intervenções de Giuseppe Tavani e Giulia Lanciani. A primeira gramática portuguesa de italiano motiva os estudos de Mariagrazia Russo e Monica Lupetti, havendo também dois textos — de Simonetta Neto e de Mário Vilela — sobre a tradução de italiano para português, a que se junta a tradução de sete poemas de Miguel Ângelo apresentada por Vasco Graça Moura. Não falta ainda a didáctica do italiano, abordada por Rita Marnoto e por Alberto Sismondini, sendo estes temas complementados por três testemunhos de tipo diverso: o de Mário Cláudio, através de uma pequena antologia de textos seus; o de Maria Luisa Cusati, sobre o Istituto Universitario Orientale no período em que lá estudou com Giuseppe Mea; o de Patrícia de Almeida Silva, antiga aluna do homenageado. Das restantes questões, avulta a literatura italiana contemporânea (objecto de panorâmicas por parte de Elio Pecora e Maria Bochicchio e de abordagens particulares de vários outros investigadores) e o relacionamento literário e cultural entre Itália e Portugal.

Perante este conjunto de trabalhos, creio que podemos ser optimistas quanto ao futuro dos estudos italianos em Portugal. É pouco provável que venhamos algum dia a dispensar à Itália, à sua língua, à sua literatura e à sua cultura o mesmo nível de atenção que a Itália dedica à língua, à literatura e à cultura portuguesas. Ou que venhamos a ter num futuro próximo tantos e tão bons italianistas como os lusitanistas que há em Itália. É certo também que são vários e preocupantes os sinais de desinvestimento na italianística em várias das nossas universidades, a começar pela do Porto e pela sua Faculdade de Letras, onde as cadeiras de língua e de literatura italianas, que Giuseppe Mea assegurou entre 1972 e 2008, estão agora encerradas. Seja como for, não podemos esquecer que estamos apenas *Nel mezzo del cammin*. E que contamos com Giuseppe Mea para a outra metade.

Porto, 25 de Maio de 2009

F. T.

ITALIANO PARA PORTUGUESES

Perspectivas didácticas

RITA MARNOTO
Universidade de Coimbra
rmarnoto@fl.uc.pt

1. Termos de uma homenagem

São bem conhecidas as vantagens do uso de instrumentos de didáctica de língua. A caracterização prévia do público-alvo viabiliza a elaboração desses materiais a partir de uma base contrastiva, de tal modo que seja dado particular relevo àqueles fenómenos linguísticos que, para uma certa comunidade de falantes, apresentam determinadas dificuldades, sem sobrecarregar outros aspectos da aprendizagem cuja assimilação é mais imediata.

Contudo, os materiais didácticos especificamente destinados ao ensino e à aprendizagem de italiano Língua Estrangeira (LE) para falantes de português europeu como Língua Mãe (LM) escasseiam, ou são quase inexistentes. Os manuais genericamente utilizados, em Portugal, acompanham as vias da globalização, porquanto destinados a falantes de inglês LM[1]. Na verdade, o estudo das relações entre

[1] O que implica, por exemplo, um recorte dos tempos do passado que não se adapta à didáctica do italiano LE para falantes de português LM.

Portugal e Itália tem vindo a despertar maior interesse no plano da literatura e da cultura do que no da tradução e da linguística. É um vazio que importa colmatar, num momento em que o ensino das línguas, na nossa sociedade e nas nossas Universidades, ganha crescente importância, com relevo para o domínio das línguas aplicadas. Aliás, é grande o entusiasmo com que o seu público, em particular o da Faculdade de Letras da minha Universidade, que é o que melhor conheço, entre mais ou menos jovens, se dedica ao estudo do italiano[2].

O historial desta área de estudos leva-nos até séculos recuados. Aquela que costuma ser considerada a primeira gramática de italiano editada para o público português, *Grammatica italiana e arte para aprender a lingua italiana por meyo da lingua portuguesa*, remonta a 1734 (Lisboa, Joseph da Costa Coimbra, com nova ed. em 1756), e é obra de D. Luís Caetano de Lima, clérigo regular teatino que foi homem de letras e viajado diplomata. Na verdade, já em 1640 o Padre Manuel de Almeida compilara uma *Arte de gramática italiana*, que ficou em manuscrito. Quanto à primeira gramática de português editada em Itália, costuma ser apontado o *Ristretto di grammatica portoghese ad uso dei Missionari di Propaganda. Scritto dal P. Paolo di G. M. con argomento di parole, di dialoghi, d'un piccolo dizionario e di alcuna lettera del Padre Vieira* (Roma, S. C. de Propaganda

[2] No presente ano lectivo de 2008-2009, a disciplina curricular de Italiano I é frequentada por cerca de 100 estudantes e a licenciatura de Línguas Modernas com a vertente em Italiano conta com mais de 10 inscritos, à semelhança de anos anteriores. O seminário de Literatura Italiana (primeiro semestre) do Segundo Ciclo em Culturas e Literaturas tem 7 alunos, e o seminário de Tradução Italiano-Português I (primeiro semestre) do Segundo Ciclo em Tradução, 15 alunos. Depois da grande afluência aos Cursos Livres de Italiano patrocinados pelos serviços culturais da Embaixada de Itália ao longo de cinco anos, que funcionaram com inscrições limitadas, o Centro de Línguas abriu um curso de iniciação ao Italiano, repartido por dois semestres, cujo índice de frequência, de 2007-2008 para 2008-2009, duplicou.

Fide, 1846), embora na Biblioteca Nacional de Nápoles se encontre depositado um manuscrito que mostra como o interesse por esse campo já por meados do século XVII se encontrava bem vivo. Quanto à dicionarização bilingue, para uma visão histórica de síntese, recordo a conferência do nosso homenageado, "Dizionari portoghese-italiano e italiano-portoghese", apresentada ao *Primeiro Encontro de Italianística, Caminhos da Italianística em Portugal*, organizado pelo Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 2003 [Mea, 2004].

Na actualidade, as investigações feitas no campo dos estudos gramaticais, em Itália, não encontram correspondente pela parte portuguesa. Se podemos contar com gramáticas de português LE dirigidas a um público com italiano como LM, o mesmo não se pode dizer quanto a uma gramática de italiano LE para falantes de português europeu LM. No primeiro caso, contamos com a *Grammatica di portoghese* de Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani. Quanto à segunda situação, deparamo-nos com um vazio que espero a gramática projectada por Giuseppe Mea venha a breve prazo colmatar.

2. Objecto de estudo

Este trabalho elege como texto primordial de análise a carta, redigida em italiano, que em 1926 foi endereçada pelo jornalista e escritor Acúrcio Pereira aos representantes dos direitos da obra de Pirandello, e cujo original aqui se reproduz (cf. fac-símile). Faz parte da breve correspondência que, nesse mesmo ano, foi trocada entre ambas as partes. Desse conjunto de textos, é o único escrito em italiano por um falante de português LM. As cartas são propriedade de Giuseppe Mea, que em 2006 as trouxe ao *Quarto Encontro de Italianística, Luigi Pirandello e a recepção da sua obra em Portugal*. Disponibilizou-as para a edição sucessivamente publicada nas actas

do Encontro, organizada por Pietro Frassica, que também lhe dedicou um estudo introdutório (Frassica, 2007). O crítico de Princeton confere a essa correspondência um significado surpreendente, por ilustrar as relações entre, por um lado, Pirandello, e, por outro lado, a sua filha Lietta e o respectivo marido, o chileno Manuel Aguirre, no momento em que a ruptura entre o escritor e o casal era iminente. Dada a delicadeza das questões envolvidas, relativas à gestão dos direitos de autor, outros testemunhos existentes foram sendo silenciados, o que potencia o valor do pequeno núcleo de cartas achado em Portugal.

O texto de Acúrcio Pereira será analisado tendo em vista os lapsos de um falante de português europeu LM, quando utiliza o italiano como LE. As ilações daí resultantes serão depois confrontadas, por via experiencial, com o conhecimento que detenho, enquanto docente do Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, ao longo de três décadas, do ensino e da aprendizagem do italiano por portugueses. As conclusões finais visam orientações a seguir, não só em termos de futuros trabalhos de investigação, como também, e muito particularmente, tendo em vista a elaboração de instrumentos didácticos de italiano LE para falantes de português europeu LM.

3. Desvio e interferência linguística

Os *desvios* linguísticos em análise ocorrem quando não são seguidas as regras prescritas por gramáticas e manuais ou por instituições acreditadas, cujo papel normativo é reconhecido, e em função das quais é possível corrigir a infracção. Tanto a língua portuguesa, como a italiana, se conformam com códigos de regras culturalmente sedimentados, embora o seu carácter normativo decorra, num e noutro caso, de processos históricos diferenciados. O italiano estandardi-

zado surge no século XIX, sobrepondo-se a uma situação de policentrismo linguístico, mas a sua efectiva afirmação dá-se no século XX. Foi não só dirigida e sustentada pela acção programática de governos, instituições e grupos de intelectuais, como também apoiada por uma população escolarizada que se identificou com o novo código linguístico, o qual, num lapso temporal relativamente breve, logo adquiriu valor e autoridade. Aliás, seria tempo de se fazer uma revisão, em Portugal, da tão difundida opinião que identifica o italiano estandardizado com o falar da Toscana. Por sua vez, a normatividade da língua portuguesa assenta, como é sabido, nas suas profundas e ancestrais raízes históricas.

A possibilidade de serem cometidos desvios constitui um domínio em aberto, que diz respeito a todas as combinações no âmbito do esquema linguístico, seguindo a terminologia crítica de Herculano de Carvalho [Carvalho, 1983, 1: 261-289]. Por sua vez, a probabilidade de os cometer pode ser considerada a partir de uma análise quantitativa que incida sobre uma comunidade linguística específica e um determinado *corpus* textual. Aqueles que são atestados por um maior grau de ocorrências caracterizam-se, consequentemente, por um maior grau de probabilidade. Todavia, qualquer generalização de resultados não pode deixar de ser feita com grande cautela, confrontando diversas amostragens. Os desvios podem ser melhor compreendidos, nos seus aspectos cruciais, tendo em linha de conta os elementos que para eles contribuem, e que podem ser da mais variada ordem, com a intervenção de factores sociais, geográficos, psicológicos ou de ensino e aprendizagem. Mas é veleidade a pretensão de querer atribuir uma causa efectiva a todos os desvios.

Quando perspectivado no quadro do uso de uma língua estrangeira por uma comunidade de falantes, o desvio anda intimamente associado à interferência linguística. A interferência linguística implica, no caso em análise, as alterações resultantes do contacto entre o

português e o italiano que levam à transferência de dados e estruturas do português europeu LM para o italiano LE, por empréstimo, deslocação, substituição ou troca. Admite-se que a interferência linguística é mais frequente em sistemas convergentes do que em sistemas tipologicamente afastados [Thomason / Kaufman, 1991].

Nem todos os desvios cometidos por uma determinada comunidade linguística, quando usa uma língua estrangeira, podem ser explicados por interferência. Paralelamente, tem vindo a ser defendido que nem todas as modalidades de interferência linguística são conducentes a desvios [James, 1998]. Para James, esta asserção pressupõe a distinção entre *erros* (*errors*) e *faltas* (*mistakes*). A *falta* pode ser corrigida pelo falante, que detém o conhecimento mas não o aplicou em determinada circunstância, à diferença do *erro*, que não pode ser corrigido, por ignorância. Muitas vezes, a interferência linguística leva a falhas que, quando consciencializadas, são de imediato corrigidas. Mas a necessidade de validação da falha nem sempre proporciona o uso e a exploração desta distinção categorial, apesar de todas as suas potencialidades.

De acordo com o mesmo crítico, a interferência linguística pode ser positiva ou negativa. O vazio de conhecimentos, num domínio de italiano LE, por parte de um falante de português LM, ao ser preenchido através de modalidades próprias da LM, pode mostrar-se eficaz, revelando mesmo um certo grau de intuição linguística e desenvoltura por parte do falante. Contudo, quando leva ao *erro*, tem uma valência negativa. As soluções que se enquadram no cruzamento entre dois códigos linguísticos assumem destacado relevo. Como, sob o ponto de vista quantitativo, são, geralmente, as que apresentam índices mais elevados, o seu levantamento faculta a passagem da probabilidade à previsibilidade. Além disso, por terem na sua base a interferência entre mecanismos susceptíveis de serem descritos e analisados através de estudos contrastivos, é possível compreendê-

-los mais profundamente, e compreender melhor, da mesma feita, as estruturas das línguas implicadas, por via comparativa.

Superada que está, hoje em dia, a tendência para a rejeição básica do desvio, abrem-se campos de análise muito profícuos, a partir de uma base analítica e projectual. Neste sentido, avultam os estudos acerca da didáctica de línguas estrangeiras. Sendo o português e o italiano línguas com afinidades tipológicas, no uso do italiano LE por falantes de português europeu LM adensam-se muitas soluções por interferência linguística. O levantamento da sua previsibilidade permite projectar um modelo de ensino e aprendizagem que privilegie as dificuldades em causa, solucionando-as com eficácia. Desse modo, o docente é alertado não só para as matérias e os itens de italiano LE que deve mais intensivamente tratar e para a sistematização que deles pode elaborar, como também para a forma de avaliar a evolução dos resultados do processo. Por sua vez, a consciencialização desses mecanismos, por parte do estudante, constitui um recurso essencial, ao apontar factores recorrentes e enraizados em hábitos linguísticos que, quando adquirem evidência sistemática, ele poderá mais facilmente corrigir.

4. Análise

Para o levantamento dos referidos comportamentos linguísticos, contidos no *corpus* apresentado (cf. fac-símile), será utilizada uma taxonomia mista, que retoma e adapta níveis de língua (fonologia, gramática, lêxico, texto, discurso) e de grafologia, recorrendo, dentro desse quadro, a estruturas de superfície. Na sua análise, foi de fundamental importância o magistral estudo acerca da história da língua italiana e dos seus dialectos realizado por Gerhard Rohlfs [Rohlfs, 1966]. A apresentação dos fenómenos respeita a ordem de ocorrência.

4.1. Fonologia / grafologia

Inspezzione por *Ispezione*

O grupo <ns>, que já em latim vulgar tendia a ser reduzido a <s>, evolui para <s> na passagem para o italiano, embora se mantenha em palavras de nível erudito. Em português tende a manter-se.

O sufixo <-zione> não tem duplicação de consoante, ao contrário do sufixo <-zzone>. Ambos derivam do latim <–atione>, mas com diferenciação fonética dos grupos [zio] em [-zione]; e [zzo] em [-zzone].

Lisbona 4 Giugno 1926

Egregio Signore

Ritorno la procura-contratto da me firmata. L'Ispezione Generale dei Theatri m'ha informato che c'era bisogno una procura legalizzata anche al consolato di Portogallo a Roma,altrimenti sarebbe piu difficile la difesa dei diritti da Pirandello. Lei fara comme voglia. Non c'é nessuno bisogno urgente.

Uno scrittore dei miei amigi organizza una racolta di piccole novelle da Pirandello. La scelta non é ancora finita.Un altro voglie sappere le condizione per Il piacere dell'onestá. Lui ha fatto altre traduzione di opere italiane a francese.

Fac símile da carta dirigida por Acúrcio Pereira
ao representante dos direitos de autor de Pirandello, Manuel Aguirre

Theatri por *Teatri*

Em italiano não existe o grupo <th>. A forma poderá ter ressonâncias etimológicas, a partir do grego. Poderá também ser

uma aproximação do francês <théâtre>, do inglês britânico <theater> e do inglês americano <theatre>.

sareble por *sarebbe*

Tratar-se-á de uma falha de teclado que, no entanto, não foi corrigida.

Lei fara por *Lei farà*

As palavras agudas exigem acento na última sílaba.

Non c'e por *Non c'è*

O acento sobre a terceira pessoa do verbo <essere> distingue-a da conjunção <e>. A correcção feita à mão sobre o original dactilografado dificulta a leitura da palavra.

comme por *come*

A consoante <m> em posição intervocálica não sofre geralmente alterações na passagem para o italiano. Diferente é o caso do francês <comme>. Gera-se assim, pelo que diz respeito ao português, um caso de falsos amigos, relativamente a uma forma do verbo <comer>.

racolta por *raccolta*

O prefixo latino <re->, na sua evolução, em italiano, para <ra->, é seguido por oclusiva surda velar duplicada.

sappere por *sapere*

A consoante surda <p>, em posição intervocálica, mantém-se na passagem do latim para o italiano, podendo evoluir, num número circunscrito de casos, para <v>. O latim <ripa> deu <ripa> (ravina) e <riva> (margem). Em português, sonorizou, na passagem de <sapere> para <saber>.

4.2. Gramática

c'era bisogno una procura por c'era bisogno di una procura

Em italiano, é obrigatória a articulação preposicional com <di>. Trata-se, pois, de uma omissão.

m'ha informato che c'era bisogno (di) una procura por m'ha informato che ci sarebbe bisogno (di) una procura / m'ha informato che ci sarebbe stato bisogno (di) una procura

A *consecutio temporum* exige que, em proposições subordinadas regidas por um tempo do passado, que referem uma acção posterior à da proposição principal, seja usado o condicional. Neste caso, poderá ser simples ou composto.

Em alternativa, o italiano pode admitir <m'ha informato che c'è bisogno (di) una procura>.

al consolato por nel consolato / presso il consolato

Trata-se de uma confusão na escolha da articulação preposicional.

A possível alternativa <dal consolato> implica também uma escolha de sentido, entre complemento de lugar e agente da passiva.

consolato di Portogallo por *consolato del Portogallo*

O topónimo <Portogallo> exige, em italiano, o uso do artigo determinativo, que neste caso se articulará com a preposição <di>. Foi feito um decalque da construção portuguesa.

la difesa dei diritti da Pirandello por *la difesa dei diritti di Pirandello*

Está em causa, da mesma feita, uma confusão na escolha da articulação preposicional. A função é a de determinante (<di>)

e não a de agente da passiva (<da>). A preposição latina <de> assumia diversas funções, de entre as quais a de genitivo, que se manteve na passagem quer para o italiano (<di>), quer para o português (<de>). Por sua vez, Rohlfs considera encontrar-se hoje esclarecida a origem da preposição italiana <da>, a partir do latim <ab> [Rohlfs, 1966: § 833]. Continuou a reger agente da passiva, ao passo que, em português, essa função passou a ser regida pela preposição <por>, formada através da evolução do latim <per>. Aliás, a confusão entre as preposições <da> e <di> é propiciada pela proximidade fonética.

Em alternativa, o italiano admite <la difesa dei diritti da parte di Pirandello>.

Lei fara (farà) come voglia por *Lei fara (farà) come vorrà / Lei fara (farà) come vuole*

Trata-se de um outro caso de desajuste na *consecutio tem porum*, com decalque da formulação portuguesa. Se o verbo da proposição regente está no futuro, o da subordinada pode ser conjugado no presente, no futuro ou no pretérito perfeito composto, mas não no conjuntivo. O futuro que pode ser usado na proposição subordinada tem uma função exortativa, que é também potencial e substitui o conjuntivo latino de dúvida.

Em alternativa, o italiano admite <Lei faccia come vuole>.

Há a considerar a hipótese de que a forma <voglia> não seja, intencionalmente, um presente do conjuntivo, mas um presente do indicativo com formação desviante. Nesse caso, seria uma tentativa de aplicar a declinação regular dos verbos da segunda conjugação (ex., <temere>: <io temo>, <tu temi>, <egli teme>), a partir da forma irregular da primeira pessoa do presente do indicativo do verbo <volere> (<io voglio>, <tu vuoi>, <egli vuole>).

nessuno bisogno por *nessun bisogno*

É obrigatória a supressão do <-o> final de <nessuno> antes de consoante, pelo que ocorreu um desvio de paragoge. Esta escolha poderá ter implicações fonéticas, considerando que o italiano não nasala as vogais.

Uno scrittore dei miei amici por *Uno dei miei amici scrittori*

Foi operado um desvio na ordenação dos elementos da frase. O italiano não admite esta ordem dos elementos, tal como o português, Mas em inglês, poder-se-ia dizer, <one friend of mine>.

una racolta (raccolta) di piccole novelle da Pirandello por *una racolta (raccolta) di piccole novelle di Pirandello*

Repete-se a confusão na escolha da articulação preposicional, usando a preposição de agente da passiva (<da>), quando a função em causa é a de determinante (<di>). Cf. supra, <la difesa dei diritti da Pirandello> por <la difesa dei diritti di Pirandello>.

Un altro voglie sappere (sapere) por *Un altro vuole sappere (sapere)*

A assinalar a formação desviante, <voglie>. À semelhança de quanto observado supra, a propósito de <Lei fara (farà) come voglia>, há a considerar a hipótese de que a forma <voglie> corresponda a uma tentativa de aplicar a declinação regular dos verbos da segunda conjugação (ex., <temere>: <io temo>, <tu temi>, <egli teme>), a partir da forma irregular da primeira pessoa do presente do indicativo do verbo <volere> (<io voglio>, <tu vuoi>, <egli vuole>).

le condizione por *le condizioni*

Trata-se de um fenómeno desviante na formação do plural. O plural de <condizione> segue a regra geral que prescreve a passagem de <-e> a <-i>. No entanto, o plural em <-e> de substantivos pertencentes à terceira declinação latina está historicamente documentado, já em textos medievais, e encontra-se, actualmente, em alguns dialectos de Itália. Esta formação pode explicar-se de duas maneiras: 1. Por derivação de <conditiones>, nominativo, vocativo e acusativo plural da palavra latina <conditio, conditionis> (terceira declinação), com apócope do <-s>. 2. Como decalque, por analogia, do plural dos substantivos femininos derivados da primeira declinação latina, o qual se forma a partir do nominativo plural. Da palavra latina <rosa, rosae> e, especificamente, do seu nominativo plural em <rosae>, surge o plural italiano <rose>. No caso da palavra em análise, <condizione>, trata-se, da mesma feita, de uma palavra feminina.

Lui ha fatto altre traduzione por *Lui ha fatto (elaborato) altre traduzioni*

Repete-se o mesmo caso de formação do plural, também com um substantivo feminino terminado em <-e> que faz o plural em <-i>.

Note-se que o italiano dispensaria o <lui>, tal como o português dispensaria o pronome pessoal, ao contrário do inglês e do francês.

di opere italiane e francese por *di opere italiane e francesi*

O plural é de novo construído de modo desviante. Também no caso dos adjectivos terminados em <-e> o plural se faz em <-i>, quer para o masculino, quer para o feminino. Provêm geralmente da segunda classe, que segue a terceira declinação

dos substantivos. Mas vários dialectos usam o plural em <-e>, em particular quando qualificam substantivos femininos. Na presente formulação, é possível admitir que se siga, em moldes semelhantes aos casos anteriormente descritos, o paradigma da terceira declinação latina dos substantivos (nominativo, vocativo e acusativo em <-es>). Também se poderá tratar de um procedimento por analogia com a primeira declinação, aliado ao andamento sequencial de dois adjectivos que qualificam um substantivo feminino.

4.3. Léxico

Ritorno la procura-contratto por *Rendo la procura-contratto / Restituisco la procura-contratto*

O verbo <ritornare> não é transitivo, pelo que a selecção lexical foi desviante, por sinal entre palavras cujo significado é próximo.

La scelta non é ancora finita por *La selezione è ancora in corso*

Foi seguida a formulação do português, a qual não tem correspondência em italiano, o que dá lugar a um desvio por decalque.

per Il piacere dell'onestà por *per pubblicare Il piacere dell'onestà / per tradurre Il piacere dell'onestà*

É uma omissão, por decalque do português, mas o italiano exige a articulação verbal.

Lui ha fatto altre traduzione (traduzioni) por *Lui ha elaborato altre traduzione (traduzioni) / Lui ha realizzato altre traduzione (traduzioni)*

Trata-se de um desvio de decalque com hiponímia, por ser empregue um termo genérico, quando em italiano se tenderia a usar um lexema mais específico.

5. Conclusões

Da sistematização feita, resulta que os desvios que mais frequentemente são cometidos no texto de Acúrcio Pereira dizem respeito, no plano fonético e grafológico, ao uso das consoantes duplas; no plano gramatical, à *consecutio temporum*, aos plurais de <-e> para <-i> e às preposições, com relevo para <da> / <di>. Quanto ao plano lexical, prevalecem os desvios por decalque, em diversas situações.

A minha experiência, como docente do Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, confirma a dificuldade dos falantes de português europeu LM, quando usam o italiano como LE, nos domínios assinalados. Apesar de o texto de Acúrcio Pereira remontar a 1926, o comportamento genérico dos falantes não sofreu alterações. Outros desvios de elevada frequência haveria a acrescentar, que não são ilustrados pela concepção linguística do texto, um dos quais recordo pelo alto índice de probabilidade. Diz respeito à primeira pessoa do pretérito imperfeito do indicativo, com troca de <–vo> por <–va> (ex., <cantare>: <io *cantava> por <io cantavo>).

Os fenómenos apontados correspondem a formulações marcadas, isto é, que introduzem procedimentos distintivos para o falante de português. De entre eles, saliento dois que suscitam particular dificuldade na aprendizagem do italiano, prevalecendo mesmo em níveis avançados, a duplicação ou não das consoantes e a *consecutio temporum*. Considero sintomático o seu denominador comum. Na verdade, se a passagem do latim para as várias línguas românicas se processou por simplificação, o italiano não fugiu à norma. No

entanto, há a registar dois campos em que essa evolução se fez por complexificação. São, precisamente, o consonantismo das duplas e a *consecutio temporum*. O que me leva a defender que a melhor via de analisar, compreender e potenciar o desvio, é a sua inserção na evolução histórica do latim e no quadro das línguas românicas.

Termino com uma exortação, que dirijo, em particular, a todos aqueles que, no seu quotidiano, quase diariamente desfiam aquele rol de lamentações perante desvios cometidos por aprendizes de italiano, locutores de televisão, comissários e hospedeiras de bordo. É fundamental o contributo fornecido por estudos contrastivos, bancos de desvios e gramáticas dirigidas a falantes de português europeu, para a desejada elaboração de manuais e de outros instrumentos de didáctica da língua. Tão necessários em 1926, quando Acúrcio Pereira escrevia a sua carta aos representantes de Pirandello, como hoje.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, João Nuno Paixão Corrêa

2004, *Sociolinguística urbana de contacto. O português falado e escrito no Reino Unido*, dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

CARDOSO, Simão

1994, *Historiografia gramatical: 1500-1920*, Porto, Anexo 7 da "Revista da Faculdade de Letras. Série Línguas e Literaturas".

CARVALHO, José G. Herculano de

1983-84, *Teoria da linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e a análise das línguas*, Coimbra, Coimbra Editora, vol. 1, 6.ª ed.; vol. 2, 4.ª reimpr.

FRASSICA, Pietro

2007, "Stefano Pirandello – Manuel Aguirre – Acúrcio Pereira: um breve epistolário inédito de 1926", in *Luigi Pirandello e a recepção da sua obra em Portugal*, coordenação de Rita Marnoto; Coimbra, Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 177-199.

JAMES, Carl

1998, *Error in Language Learning and Use. Exploring Error Analysis*, Edinburgh, Longman.

LANCIANI, Giulia / TAVANI, Giuseppe

[1993], *Grammatica portoghese*, Milano, Led.

MEA, Giuseppe

2004, "Dizionari italiano-portoghese-italiano", in *Caminhos de Italianística em Portugal*, coordenação de Rita Marnoto; Coimbra, Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 47-57.

ROHLFS, Gerhard

1966, *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti*, Torino, Einaudi, 3 vol., trad. Salvatore Persichino.

THOMASON, Sarah G.

2001, *Language Contact. An Introdution*, Edinburgh, Edinburgh University Press.

THOMASON, Sarah Grey / KAUFMAN, Terrence

1991, *Language Contact, Creolization and Genetic Linguistics*, Berkeley, Los Angeles.

STROUD, Christopher

1997, "Os conceitos linguísticos de 'erro' e 'norma' ", in *Panorama do português oral do Maputo*, volume 2, *A construção de um banco de*

"erros", organização de C. S. e Perpétua Gonçalves; Maputo, Instituto Nacional do Desenvolvimento e Educação, pp. 9-35.

WEINREICH, Uriel

1979 [1.ª ed. 1953], *Languages in Contact. Findings and Problems*, 9th Printing With a Preface by André Martinet; The Hague, Paris, New York, Mouton.